

Estado tem 40 mil crianças trabalhando

A Gazete - 22.11.02
p. 15

O maior contingente do serviço infantil está no Norte do Espírito Santo

MICHELLY LAUER E
CRISTIANO STEFENONI

O Espírito Santo ainda possui cerca de 40 mil crianças e adolescentes, entre 5 e 14 anos, trabalhando como se fossem adultos. O maior contingente do serviço infantil está concentrado na região agrícola do Norte do Estado, principalmente nas lavouras de café, englobando pelo menos 26 mil menores. Na área urbana, este número cai para 14 mil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD).

O Programa Estadual de Erradicação do Trabalho Infantil (PÉTI), que de 1999 até este ano já cadastrou 7.330 crianças, beneficiando 4.500 famílias carentes - que têm como sustentação da fonte de renda o esforço da criança na agricultura ou nas esquinas e sinais de trânsito como ambulantes -, reduziu o número de menores trabalhando em 1999, quando foi implantado, de 60 mil para 40 mil.

Repasse

A coordenadora do programa, Maria de Fátima Coutinho Zorzal, disse que



Ricardo Medeiros

Alternativa

O sergipano A.S.J., 15 anos, veio para Vitória com os pais para ter uma vida melhor, mas está fora da escola e vende castanhas na Capital

o repasse de verba federal para os municípios é de R\$ 25 por criança retirada do trabalho e colocada na escola na zona rural e R\$ 40 na zona urbana.

“A gente sabe que dar esmola não resolve. Por isso, os pais são orientados a participar de cursos profissionalizantes para geração de renda. Isso porque a família fica cadastrada por quatro anos, e precisa se manter com recur-

sos próprios depois de concluído o prazo”, informou.

Ela relatou que um dos maiores problemas para erradicar o trabalho infantil é a resistência da sociedade e o mito de que “trabalho é bom para manter afastada a criança da criminalidade”. Maria de Fátima completou dizendo que as empresas não estão contratando menores e o trabalho doméstico cresceu de cinco mil, em 1999, para 12 mil, 2002.

“Criança precisa estudar para ter perspectiva e condições de um futuro melhor. A Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente pregam isso, o que deve ser respeitado”, frisou.

O assunto foi discutido ontem durante Seminário para Erradicação do Trabalho Infantil da Região Metropolitana no auditório do Senac, na Avenida Beira-Mar, Vitória. O evento continua hoje.

Quem emprega menor é autuado

A Delegacia Regional do Trabalho (DRT) já autuou 150 empresas no Estado - entre os anos de 1999 e 2002 - por estarem empregando crianças. Desse total, 60% eram do setor rural.

Segundo o coordenador de combate ao trabalho infantil da DRT, o auditor fiscal Fernando Pimentel, essas autuações resultaram numa queda de 55% de menores empregados com até 14 anos de idade.

“Isso se deve a um intenso trabalho de fiscalização”, afirma. De acordo com o coordenador, quando uma empresa é autuada, ela tem 10 dias para recorrer.

Após este prazo, caso não apresente defesa, ela levará uma multa que varia entre R\$ 300 e R\$ 6 mil. O empregador também é chamado pelo Ministério Público para dar explicações.

Se mesmo assim o empresário continuar empregando crianças, ele poderá ter sua em-

presa fechada. No caso do tráfico de drogas, Fernando explica que o número de menores envolvidos reduziu bastante, mas que ainda está sendo feito um trabalho intensivo tanto no campo quanto na cidade.

Hoje a DRT atua com uma equipe de 65 auditores fiscais visitando todos os municípios do Estado, numa parceria com a Polícia Federal, Promotoria de Justiça, Conselho Tutelar e Juizado de Infância e Adolescência.

O combate ao trabalho infantil tem dado bons resultados também no Ministério Público. Segundo os dados do órgão, em dois anos o número de inquéritos envolvendo empregadores de crianças caiu de 83 para nove.

A chefe de procuradoria, Maria de Lourdes Hora Rocha, afirma que todos os envolvidos nos inquéritos compareceram ao Ministério Público para firmarem um termo de ajuste

Estudar fica em último plano

Para as crianças, trabalhar é sinônimo de sobrevivência. A maioria prefere abrir mão dos estudos ou de brincar para conseguir meios de ajudar no sustento da família.

A menor S.S.P., 11 anos, mora em Flexal II, Cariacica. Quase todos os dias ela anda pelas ruas da Capital entregando folhetos ou vendendo picolés.

“Meu pai está desempregado e minha mãe fica em casa amamentando o meu terceiro irmão”, conta. Ela ganha R\$ 10,00 por dia o que, segundo ela, é essencial em sua casa.

Necessidade

Já E.O.A., 13 anos, sai de Cariacica Sede para vender carne e refrigerante no Centro. Ele garante que está cursando a 6ª série, mas que precisa trabalhar nas horas vagas, pois seu pai é

pintor, sua mãe é doméstica e ainda tem quatro irmãos.

Para E.O.A., o ganho de R\$ 120,00 que consegue por mês é motivo mais que suficiente para ele esquecer os momentos de lazer. “Não tenho tempo para brincar”, lamenta.

O sergipano A.S.J., 15 anos, veio para Vitória com os pais na tentativa de melhorar de vida. Resultado: está fora da escola (só tem a 3ª série) e vende castanhas na cidade.

Ele carrega nas costas oito quilos do produto diariamente, numa jornada mínima de seis horas. Seu lucro mensal é de R\$ 200,00. “O dinheiro é para ajudar minha mãe”, justifica. Para as crianças, trabalhar é sinônimo de sobrevivência. A maioria prefere abrir mão dos estudos ou de brincar para conseguir meios de ajudar no sustento da família.